

ANNO I.

N. 12.

REVISTA FLUMINENSE

1869.

JANEIRO.

SEMANARIO NOTICIOSO, LITTERARIO, SCIENTIFICO, RECREATIVO, ETC., ETC., ETC.

PROPRIETARIO E UM DE SEUS REDACTORES

PEDRO ORSINI GRIMALDI PEREIRA DO LAGO.

ASSIGNATURA.

CORTE E VITRINEY:

Por anno..... 120000
Por semestre.... 60000
Por trimestre.... 30000

Não se recebem assignaturas por menos de 3 mezes, sendo estas pagas adiantadas, como é de costume. Os Srs. assinantes terão sempre direito a todos os numeros deste Jornal, comprehendidos no trimestre, semestre ou anno de sua assignatura. Subscrive-se nesta typographia e nas principaes livrarias da corte.

ASSIGNATURA.

PROVINCIAIS.

Por anno..... 160000
Por semestre.... 80000
Por trimestre.... 40000



3.5.87
52

Politica popular.

III.

Uma das épocas mais gloriosas da nossa história será, sem dúvida, para o futuro, esta por que passamos.

O Imperio em sobresalto continuo para com o estrangeiro, e minado interiormente pelo descontentamento do povo, quando no poder o partido hoje oposicionista, tudo indicava uma proxima subversão social; tudo induzia a crer que o Brazil caminhava a passos de gigante para o abysmo de sua decadência. O desgosto e o desespero lavravão por todo o paiz; e por honra do espirito nacinal energicas manifestações tiverão lugar em diversos pontos, sem fructos nem resultados, porque não passavão de esforços isolados, em meio de tanta calamidade e incuria.

Mas a Providencia deparou ao Brazil um animo robusto, que comprehendeu a amarga situação em que nos achavamos, e desde logo tratou de salvar-nos com o mais salutar remedio.

Este animo robusto é o do Sr. presidente do conselho, e esse remedio salutar foi a ascenção do partido conservador ao solio do poder executivo.

A noite do desespero amanheceu, e à luz radiosa da manhã o povo conheceu o erro em que vivia, acutellando a sua ingenuidade para com aquelles que lhe pregavão a mais irrisoria democracia.

A expressão das urnas na ultima eleição vem em apoio do que avançamos.

É que o povo ganha sempre a liberdade de ação, quando na arena de sua soberania encontra-se apenas com a sua propria consciencia

e desacompanhado de traíçoeiros guias partidários.

A independencia do voto tornou-se real desde a ascenção do actual governo, porque o povo olhou-a como filha legitima de seu pensamento, como puro palpito de seu coração, escolhendo entre todos os homens aquelles que são dignos de engrandecel-o, engrandecendo a nação. E, assim praticando, as urnas excluirão de seu seio o liberalismo, porque a politica liberal em nossa terra tem em si o germen de sua propria destruição.

É o partido, sem unidade de pensamento, subdividido em novos partidos, em facções acefalias, tendendo cada uma ao seu interesse individual, e todas a um unico fim—ao desmoronamento da ordem social,—que em sua queda faz levantar o pô das rebelliões, matando todas as crenças e despenhando a patria na desolação e na miseria!

Da ingenuidade popular é que nasce sempre a sua propria descrença e se originão todos os males por que passa uma nação.

O povo brasileiro, illudindo-se, ou deslumbrando-se com os falsi-fulgentes brilhos, com as pompas radiosas de seus proprios verdugos, deixava-se conduzir ao altar do sacrifício, em cujas aras ia queimar incensos ao deos do interesse de quem o votou sempre à desventura e ao esquecimento!

A democracia pura ensinava-se no espirito popular, e por isso via-se a nação como que vestindo-se de cores liberaes, embora os sentimentos conservadores lhe palpitasse no intimo do coração!

Hoje felizmente o povo voltou a face para a luz que expandio-se no céo da patria! Acordou

feliz de seu pesadelo de angustias, porque os raios do sol da esperança é que lhe abrirão os olhos !

E o povo tinha os cabellos hirtos de pavor com os phantasmas tenebrosos que o cercavão ! Todos elles horripilantes, cada um se incumbia de seu mister infernal ! Este pedia-lhe o pagamento de pesados impostos, aquelle substituia-lhe as modestas roupas pelos andrões da miseria em que o deixava ; aquell'outro, salpicado de sangue e sobrecando, mirrados e desmembrados esqueletos, ao povo fallava assim : " Eis o que resta de vossos filhos, de vossos irmãos, fulminados nas esforçadas luctas de uma guerra de extermínio ! "

Foi em meio de tão lancinantes dores e gemebundos suspiros que o povo despertou em glacial suor e viu o visconde de Itaborahy à testa do mais sabio governo dizer-lhe :

" Ergue-te, oh ! povo ! readquire a tua soberania, porque eu sou o chefe do partido conservador, desse incausável obreiro que reergue e restaura sempre os foros compromettidos do Brasil ! "

E o povo ergueu-se e sorriu. E o povo confiou, e as scenas se mudarão.

E a arvore que não fructificou foi cortada por inutil; e a que se plantou vai sendo cultivada pelo povo : está virente e vigorosa; desdobra seus galhos para que elle se recolha à sua sombra e coma em paz seus saborosos quão sazonados fructos.

A propria Providencia encarregou-se de assinalar época tão memoravel com a descensão do liberalismo !

O genio da guerra sentio-se inalado e cahio rojando a face nos ossos de suas victimas, carcomidos pelos vermes do tempo ! Quiz erguer-se e não poude ; e ao ver o Marquez de Caxias sobreçado de louros e de glórias, aos joelhos quebrou o luzidio alfange, e fugiu tropessando ainda nos montões de cadaveres esparsos pelos chãos da campanha ! A cada grito de victoria que o exercito brasileiro eleva, o genio se extorrega nas ancias do desespero.

Entrementes, vêde, oh ! povo, se fostes illudido em vossa esperança subindo os conservadores ao poder.

Voltais os olhos para o sul do Imperio ! Vedes como ali o céu se veste das cores do iris ? Attentai, que vai apparecer o anjo da paz e da

concordia ! Vós o vereis descer das alturas sideraes, para, em meio dos despojos da guerra, chorar os mortos, reanimar os moribundos e curar os feridos ; e depois... alando-se ao céu, e estendendo os braços para todo o Imperio, dizer :

" Descançai, oh ! heroes !

" A honra e a dignidade nacionaes estão vindadas e selladas com vosso precioso sangue ! Nos fastos da historia do Brazil os vossos feitos terão o primeiro lugar ! ..

E não será isto, o que realmente está acontecendo ?

Quem terá a coragem de nega-lo ?

Ninguem. Portanto, porque razão não diremos com o povo :

Bemvindos forão os conservadores ?

Malena.

PHANTASIA ROMANTICA

por B. P. L. de A.

(Vid. o n. antecedente).

IV.

Inconsolabile vulnus,

Mente gerit lacrima que absunitur omnis.
(Ovidio — Metru.)

Começamos a viver quando sentimos uma aféição profunda onde se vão concentrar todas as forças de nossa alma.

Antes o existir parece-nos incompleto, porque apenas explica o principio de uma actividade pausada o desenvolvimento natural, quasi vegetativo de uma animação fria, porque o alvejar incerto e enfraquecido crepusculo não é a luz segura e radiante do dia.

O botão da flor descerra-se esmaltado de vida e de beleza ao calor vivificante do sol ; o coração tambem ermo e vazio—abre seu calice em mysterioso silencio ao fogo sagrado da visão do ideal.

Manifesta-se então n'esse conjunto de crenças e de sorrisos, aquella harmoniosa identidade de pensamentos e desejos d'onde resulta o contentamento da vida feliz.

E na frescura ambiente que a alma se expande e que reverdece na curta duração do goso do finito.

E o que será d'ella, se quebrada depois pela deceção tiver de esquecer, de apagar essa

imagem doce, gravada intimamente em seu seio?

Como a superficie limpida do lago de prata — não reflectindo mais a nitidez cerulea dos céos — enturva-se medonha espelhando o escuro sinistro do bulcão da tempestade.

Transfigura-se então de uma maneira lugubre; despe o véu do encanto para tomar a túnica do martyrio — que marca essa transição vagarosa mas terrível da existencia florida para a morte prematura.

Tinha-se passado tres dias depois da narração de Luiz...

A aurora havia-se levantado descórnada por cima do cinto esbranquiçado que cordava o pinçaro dos montes.

O céo tingia-se de nuvens pardacentas e o vento sal começava a soprar humido e penetrante...

Malena dormia!

Através das alvas cortinas do seu leito — via-se a forma ondulosa de seu corpinho gracioso envolto no flocos alvejante de finas cambrasias...

Era como a fada que tinha adormecido ao clarão magnífico do luar do tropico e que a manha surprendera coberta do nevoeiro das serranias.

Com a face pousada em uma maozinha de neve — seu semblante era apenas sombreado pelos cachos formosos de seus cabellos que lhe enmolduravão a fronte de uma capella de flores douradas... e nas suas palpebras, que se melhavão duas petalas de rosa ainda fechada ao alvorecer do dia, divisava-se aquella serenidade de que caracterisa as almas puras e virginaes...

As frescas colheridas do rosto tinha-lhe sucedido a cór pallida de uma morbidez languida — fructo do cansaço das vigilias. De vez em quando seus labios rubros desmaiados desabrochavão um sorriso inspirado como uma nota de fugitiva harmonia que se escapava talvez do canto infantil do seu coração...

Era um dormir angelico e sereno librado nas asas de um sonho de delicias...

Era uma curta existencia de mysterio, porque dormindo, a alma innocentemente toma a transparência dos seres celestiaes....

Nessa ligeira methamorphose o coração bate

timido e vagaroso porque receia pertubar as melodias do espirito...

Quando um sonho se evapora — então os olhos se abrem docemente despedindo uma luz viva e animadora que acompanha o brando anhelito dos labios que se desenlaçam tambem para sorrir....

E' este o acordar tranquillo da virgem — desperto mavioso do passarinho que sauda a brisa da madrugada.....

Malena acordou com a placidez dos anjos... tinha a ingenuidade da creancinha que se espregia no berço...

Esta expressão de meigo repouso que mais realçava as bellezas de suas formas, era comtudo contrastada com um certo ar de melancolia suave e pensativa...

Erguendo-se sobre o seu leito ella percorreu com um olhar vago, inquieto e pesquisador...

Seu rosto contrahio-se de neve e tornou-se quasi livido.

Tinha a brancura sem vida do marmore misturada à cór tristonha da rosa violeta...

Depois de um iustante de visivel quebramento — ella cruzou dolorosamente os braços — e deixou cahir a cabeça sobre o peito....

Pensava... soffria, quem sabe? o punir de uma idéa lugubre... de uma recordação penosa...

Como Herminia, desejava talvez a espessura dos bosques, para confiar aos troncos solitarios o segredo de seus pezares.....

Não era mais a formosura vivaz e indolente que voava no turbilhão dos prazeres, nas salas ruidosas e brillantes saraios...

Longe da crença do amor e da esperança — trindade festiva d'alma aos quinze annos — ella não tinha uma phrase que não fosse o murmurio entrecortado da queixa...

Fulminada em seus vôos de anhelos — a pompa travessa rojava-se semi-viva sobre um tapete de cardos...

Debaixo de seus cílios — não fulgia mais a faísca ardente do fogo da phantasia... Balouçava apenas a perola triste da lagrima do sentimento...

Não sentia mais o hymno d'alma cantando o enlevo de suas ficções... Só ouvia o threno plangente do coração, chorando o sombrio de sua soledade...

V.

Inconsolabile vulnus
Mente gerit tacita lagrimis que
absumitur omnis.

(Ovidio—Met.)

E quem tinha cortado o fio de seus pensamentos floridos?

O desvanecer de um sonho que ella acreditara uma realidade; o sumir de uma estrella de formoso clarão, que tinha invocado nos dias de sua infancia; o murchar de uma flor, que, acariciara no amanhecer de suas crenças; o fugir de um genio phantastico da noite que lhe se gredara, nos mysterios do sonno, lendas consoladoras de sacrosanta poesia; o estalar enfim de uma corda sonora, afinada na religião do sentimento casto, que outr' ora lhe derramava n'alma os sons queixosos e mellifluos da lyra do céo.

Agora aos primeiros alvores do dia, com a fronte pesada de abatimento—eil-a!... entre os véos de seu leito meditava, pallida como a elegia da dor.

Um instanto depois... ella vencia esse marrasmo que a dominava, e deitava-se de novo, sorrindo de tristeza, com o olhar fiammejante e lugubre...

Era uma carta de Luiz...

Malena leu com voz debil, quasi sumida, as seguintes palavras:

“ Um adeos a ti, anjo inocente da alvorada, que pensaste em amar o espectro que dorme no silencio das ruínas...

“ Um adeos sincero, triste, derradeiro talvez, te envia o homem de negra sina, que não te pôde amar, porque te pôde perder...

“ E' um adeos de saudosa gratidão, é o osculo da alma ferida sobre a mão compassiva que quiz, bem que inutil, ameigar as dôres...

“ A saudade é a unica crença que me ficou... Malena, eu levo saudade de ti...

“ Esquece o mysterio terrivel que te revelei na noite do saráo...

“ Que louco que eu fui!

“ Teu coração não podia comprehender a linguagem que te falei no suppicio de minhas recordações...

“ Por ventura pensa no tumulo a creança des-

“ cuidosa que corre após da borboleta que dou-
“ dejá nas horas do crepusculo?

“ Não: o genio da harmonia não sabe tanger
“ o alaúde da dor...

“ Ama a existencia, tu que vives na suave
“ illusão das esperanças da terra...

“ Esquece o viajor cançado que viste sentado
“ no marco poeirento do mundo... esquece-o,
“ porque elle amaldiçoou o mundo e descreu da
“ religião da vida...

“ Entre as turbas que me não conhecem, pas-
“ sarei sombrio e silencioso, como o judeu da
“ legenda, com os olhos fitos na minha terra da
“ promissão—o sepulcro!...

“ E quando chegarei à cumiada do meu cal-
“ vario?...

“ Adeos, Malena... a regeneração para mim
“ é impossível... não ha esforço... não ha sacri-
“ ficio... não ha virtude... que a possa conse-
“ guir...

“ Ella é uma flor que nasceu no fundo do
“ abysmo... como decerei lá para tomar-a em
“ seu leito de abrolhos?...

“ Adeos, Malena... adeos...

Ao terminar estas palavras, Malena fechou languidamente os olhos, e deixou escapar um gemido fraco de intimo desespero...

Pobre menina!... o morrer da ultima espe-
“ rança matava-lhe impiedosamente a visão querida que tinha nascido em seus primeiros sonhos.

Era o extremo anseio de seu amor moribundo que se envolvia no crepe do tumulo.

Era o impossível do seu idéal, que se levanta, como a larva silenciosa das sombras ao eco da trombeta do archanjo da verdade!

VI.

Son breve suspira
La vita li morfir.

(S. Pellico.)

Era ao pôr do sol.

A terra se banhava nos reflexos d'esses enle-
“ vos caprichosos e surpreendentes que acompa-
“ nhao ao cahir da tarde — gracioso desmaio da
“ natureza que empalidece — introduçao mages-
“ tosa do cantico da noite — poesia sublime de
“ Deus, que se derrama em ondas de frouxas scin-
“ tilações na esthetica da criação.

Então é doce alongar as vistas por sobre o dorso acinzentado das serras que serpeia ao longe e sentir nas faces a respiração morna das brisas do occaso.

Era ao pôr do sol !.... Na morada dos mortos, sob a ramagem escura e immovel dos arvoredos abria-se mais um asylo de eterno descanso.

O coveiro cantava ao som monoton e pesado da enxada.

Alem desta voz rude e descompassada que se prolongava como o estertor da agonia, nenhum eco mais de vida, nenhum vestigio de animação.

Era o tribunal do nada — silencioso e humilde diante do prolongamento da cruz.

Era o aspecto mudo do cemiterio — demonstração glacial da unidade humanitaria — solução sinistra do negro theorema da vida.

E quanto é verdadeira a religião dos tumulos!

Ali, ao luar frio do valle da destruição — falla rija e sonora a philosophia santa do martyr de Nasareth, porque o marmore do mausuleo do rico se confunde com o goivo rasteiro da sepultura do pobre.

E' ali que se escuta o brado terrível da verdade — porque é ali o Sinai tremendo do mysterio.

Quando caíam as sombras cambiantes do crepúsculo, o corpo inerte e gelado de uma virgem descia tambem lentamente ao fundo do leito do sonno eterno.

Ainda morta era bella em sua pallidez melancólica !

No formoso azul de seus olhos ainda parecia existir um tenue resto de branda luz, e nos seus labios sem cõr, contrahidos pelo soluço da morte, ainda o ligeiro roçar de um sorriso — e no entanto aquelles olhos já não viao o sol, e aquelles labios não podiam mais se abrir para dizer — amanha !

Ao vés nesse repouso suave — com as tranças espalhadas sobre a tunica branca que lhe cobria as fórmas — com as mãos docemente pousadas sobre o peito, vazio de palpitacões, não disserais a donzella quebrada pelo tufo do passamento, mas o anjo do céo descorado pelo sonho da terra.

Acucena mimosa, no abraçar da sesta, se inclinava languidamente para o sulco do campo.

Era Malena que pedia a sombra do cipreste, e que ensinava a lenda do seu martyrio, que o coração deve abençoar a morte, quando a alma sente-se prestes a renegar das virtudes de Deus.

FIM.

Nana.

Nana é um nome de mulher. Mas Nana não é a Julia de Rousseau, nem a Genevra de Byron pallida e triste a sonhar com phantasmas. Tambem não é a Beatriz do Dante, ou a voluptuosa e altiva Gulbeyaz de D. Juan, e nem finalmente a formosa Leonor a do Tasso. Nana não se parece de forma alguma com essas bellezas comezinhas, e apenas pode ser comparada com uma Flor de Maria revestida de todos os attractivos de Cosetta, essa filha dilecta do ideal de Victor Hugo.

E eu encontrei-me n'um baile campestre com esse anjo das campinas e dos prados, e julguei-me transportado ao Olympo, porque ninguem concebe que sobre a terra ingrata possão peregrinar tão seraphicas creaturas, typos de tanta innocencia e almas de tanta ingenuidade e sinegeleza !

E Nana, anjo dos campos, vestia a cõr verde das collinas, e seu rosto de neve emmoldurava-se nas luvi-castanhas madeixas de seus cabellos. Seus labios, cõr da aurora rubicunda, sorrião angelicamente para o mundo, mas esses risos erão do céo, porque Deos é que os entornava n'alma de tanta pureza !

E Nana abrio um manancial de delicias nos seios de minh'alma, porque minh'alma pungia saudades e lacrymava dores ; getnia magoas e suspirava esperanças desmaiadas !

E meu espirito destendeu as azas e volatilisou-se às regiões celestes, onde a luz phosphorecente das tochas do firmamento alumia as substancias ethereas, que vivem de harmonias e de perfumes, de amor e de adoração !

Então minha phantasia viu Nana — nascendo do calix de um jasmim, balouçar-se no seio de uma rosa — sorrir-se como uma açucena que abre ao primeiro beijo do sol derramando perfumadas e nitidas gëttas de orvalho sobre a relva ; e depois... como o gentil e alvacento cysne lançar-se nas crystalinas agoas do lago tranquillo do

valle, e alongar o formoso pescoco soltando em notas de harmonia um hymno de louvor ao Criador de tanta formosura !

Aos sons harmoniosos e cadentes o eco respondem em roda das campinas, e as florestas bafejadas pelas brisas da noite desprendem suas flores no chão dos prados, e a lúa resplandeceu mais bella no caminho dos Ceos !

E Nana, — como a romã que estala aos raios do sol, — entre-abriu os labios e disse :

— Eu amo a poesia, amo as flores, e a harmonia, porque são os encantos, os perfumes e a ventura do meu ser.

E en tornei-me poeta, porque as solti-vagas palavras de meus labios vinham saturadas de tanta ternura, que o anjo dos prados, entre o sorriso e o extasis, inclinando a formosa cabeça, attento me escutou.

E eu disse :

— De meus labios se emanava a poesia, porque meus olhos bebêrão delicias no teu semblante, e minha alma inspirou-se em tua candura !

E ferindo as cordas da lyra, a lyra cantou assim :

Oh ! Nana ! quem pôde
Te ver a figurar,
Que não com ternura
Tequeira adorar ?
Oh ! Nana, quem pôde
Deixar de te amar ?

Dos campos o lyrio
Não tem mais candura,
Que na fronte pura
Tu tens, bella Nana !...
Tu és entre as flores
A flor soberana !

Oh ! Nana ! quem pôde
No mundo exceder-te ?
Na terra querer-te
Rival encontrar ?
Oh ! Nana, quem pôde
Comtigo hombrear ?

E o rosto de jaspe?
A bocca tão breve?
Os dentes de neve
Por entre o rubim ?...
Oh ! Nana quem pôde
Ser tão bella assim ?

E o corpo mimoso,
Delgado e fransino ?...
E o pé pequenino
Que piza mil flores ?...
Oh ! Nana, quem tem
Tão grandes primores ?...
No campo, se corres,
Se páras, se volves
O rosto, e se moves
O corpo mimoso...
Oh ! Nana é dos prados
O anjo formoso !

Elle.

Meu sorriso.

Quem julgar que eu tenho vida
Neste meuidade sorriso,
Ha de crer que dentro d'alma
D'amor tenho um paraizo.

E falso !... que a flor da vida
Murcha logo ao despantar !
E falso !... que emquanto río,
Minha alma vive a chorar !

Como o espelho, quo reflecio
A luz que lhe vai bater,
E fica opaco e sem brilho
Se essa luz foge a morrer :

Assim também meu sorriso
Não vem da minha ventura ;
Vem de um anjo peregrino,
Vem de outra creature.

Se o tenho no pensamento,
Fico extatico a sorrir-me,
Quando devêra chorar
Pela dor que ha de ferir-me.

Não creio no meu sorriso,
Não creio no meu transporie ;
Junto à vida, dentro d'alma
Eu tenho o germe da morte !

Como a bonina que nasce
No pedunclo já quebrado,
Que morre sem ter vivido,
Que tire sem ter gosado :

Assim eu na primavera
Dos annos — não tenho vida...
Tendo a alma em extremâ lucia,
Na desengano perdida !

Nem sempre na dor dos labios
Um riso exprime a ventura,
Tal como nem sempre o pranto
Vem da fonte d'amargura.

Qual pataiva que entâa
Na floresta hymnos de amor,
E pára em meio do canio
Morta nos pés do caçador :

Assim eu, no meu futuro
A morte apenas diviso...
Sem crenças para chorar,
Hei de morrer n'um sorriso !

Se o sorriso é da despeito,
Conta o mundo é sua lei.
Se elle é filho da desgraça
Ou da loucura, —não sei !

Sei que quanto mais me pungo
A dor que minha alma tem,
Mais sereno lanho o rosto,
Mais me sorrio também.

E' que os males que eu padeço
São males que não tem fim;
Por elles sequi' meus prantos,
Sem prantos —ma fio assim.

GOMALDO.

Impossivel.

Quando nas rubras azas da manhã
Vem o sol despontando nuri-lucente,
Sugando o rócio da perfume esvoce,
Do lyrio alví-luente.

Quando nas frapcas de pinheiro estivo,
Que as palmas curva farfalhando endearia,
A meiga rôla vai poupar esquiva
Cantando tristes queixas.

Quando o regato que serpeia a retra
Beijando as flores que lhe as margens bordão,
Falla de amores, recordando as diñas
Que n'alma nos accordão...

Eu me lembro de ti, do teu sorriso,
Das tuas seduções, do teu composto,
Das tuas ternas talas, das teus olhos,
Do teu formoso rosto !

Eu me lembro de ti,— quando à minh'alma
Harmônico sorri-se a natureza,
Em tudo me mostrando as graças tuas,
A tua singeleza !

Mas tão doce lembrança se debruça,
Oh! anjo da puerca, da saudeza,
Quando penso que la-fazer não podes
A minha felicidade !

GOMALDO.

Revista da semana.

Começarei regosijando-me com o leitor pela ausencia do calor e pela constante chuva dos tres ultimos dias. Reverdecerão as folhas das arvores amarellecidas pelos ardores do sol, que durante quasi dois meses fez-nos caretas todos os dias.

Com esseito, se Deos não se compadecesse da sorte dos habitantes do Rio de Janeiro, em breve morrerão todos à sede ou suffocados pela imensa poeira, que além de nociva aos pulmões, faz-nos espirrar constantemente, obrigando aos que nos ouvião a repetirem — *Dominus tecum* — Muito obrigado — Não ha de que... o que não deixava de ser um vexame. Choveo, choveo bastante, alliviando assim a Illustrissima do penoso encargo da irrigação das ruas e praças da cidade, cujo trabalho estava em velacão ha longo tempo.

* * *

Desejava fallar-lhes sobre as irregularidades e factos constantes da estrada de ferro de D. Pedro II; porém como a dirige agora o Sr. Mariano Procopio Ferreira Lage, muito conhecido pelo seu tino administrativo, tenho esperanças de que as cousas mudem: entretanto, direi aos meus leitores que tendo um amigo meu de partir para Europa no paquete francez, fom na vespresa dormir no Engenho Novo, e perdeu a viagem porque o trem que d'ahi devia partir ás 6 horas e 42 minutos da manhã, partiu depois das nove. Sobre quem caiu a responsabilidade dos prejuizos que sofreu o meu amigo? Responda-me quem souber! Contente-se a estrada de ferro, pois tem companheiro nos incommodos e massadas que da ao publico. Os bonds, apregoados no começo como empreza que mettia as gondolas fluminenses no chindó têm nos mostrado que não devemos nunca abandonar aquillo que já conhecemos para experimentar o que ainda pode ser bom.

Em breve iremos para o Catette ou qualquer outro arrabalde sentados ao collo uns dos outros. Além de não haver nos taes bonds numero certo de passageiros, encara o homem com um recebedor muito cortez, que depois de ter enchedo o carro com maior numero de pessoas do que elle comporta, obriga-nos por meio da civilidade, depois de nos termos sentado, a viajar de pé, porque no meio do caminho quizerão embarcar

mais duas ou tres senhoras. Ajunte o leitor a tudo isto as vezes que o carro sahe do trilho, as espetadellas que soffrem na barriga os pobres burros, as vozerias do conductor, a ver-se o homem obrigado a encommendar os visinhos pedindo que lhe troquem dez testões, porque o recebedor, alem de não trocar dinheiro, não aceita senão cartões da companhia, e diga-me quaes as vantagens que offerece semelhante empresa.

Já são bastante conhecidos do publico os compêndios de instruções elementar do Rev. padre Vítor Rodrigues da Costa Soares, destinados ao uso de nossas escolas. Nada mais me resta dizer sobre elles, à vista do que disserão pessoas tão autorisadas; e se todos comprehendesssem a necessidade de livros uteis à instrução publica, como os que acaba de publicar o Sr. padre Soares, ella ha mais tempo teria progredido, e nossos filhos beberão a instrução de que tanto preclamam em fontes mais puras.

Esperamos pois que o Sr. director da instrução publica conheça tambem a utilidade dos compêndios de que falhamos.

Domingo passado teve lugar no oratório dosromeiros do Senhor do Bonfim, uma missa cantada por occasião da posse da administração que tem de servir no anno de 1869 a 1870, a qual, em signal de reconhecimento e gratidão pelos serviços prestados à romaria pelo seu fundador o Sr. Varginhas, offereceu-lhe o seu retrato.

Homens como o Sr. Varginhas merecem tudo da sociedade; alem das suas qualidades inexcedíveis como chefe de familia, eleva o seu amor pela religião ao ponto de colocar, só à custa do seu trabalho, a romaria do Senhor do Bonfim no pé em que se acha.

De tais trabalhos não espere o provedor da romaria recompensa dos homens; só Deus lhe poderá pagar tantes sacrifícios.

Distinctas senhoras entoárao durante a missa hymnos de adoração ao Creador, e a musica, composta de amadores, não deixou de concorrer para maior alegria da festa.

Honra ao Sr. Varginhas!

Ahi temos á portas o Carnaval, os foliões entusiasmados, os temíveis zabumbas do club do

Zé Pereira, preparaço-se com afan para dar-nos durante os tres dias momentos de verdadeiro prazer. E' a semelhança da Semana Santa, em que os pais de familia, os maridos, os amantes, os namorados, etc. etc. vêm-se apertados com peditoricos que lhes arrançao até o ultime vintem da algibeira.

A menina travessa que ha longo tempo não fallava ao predilecto do seu coração vai ter o prazer de conversar com elle mesmo nas barbas do papai. Consta-me que já não ha nem um só camarote a venda no theatro de S. Pedro. Apresentados corrêrão os pais de familia a compral-os, porque não desejavão que suas innocentas filhas perdessem mais um espectáculo de moral e civilisação, dado pelas nobres sociedades Bohemia, Club X e sobretudo os Estudantes de Heidelberg. As scenas que se praticão nos nossos bailes carnavalescos são taes e tão horriveis que julgo não haver homem sensato que leve suas filhas ao theatro para presenciar actos, os quaes elles devino envelhecer ignorando-os. E como a civilisação e o progresso tem chegado ao seu zenith veremos os theatros cheios de meninas solteiras, de senhoras casadas, e em maior numero do que foliões carnavalescos.

A matia das sociedades carnavalescas é um mal que nos rœ a algibeira, estraga e até inutiliza nossos filhos. Meninos que hontem sahirão do berço, apresentão-se em publico a praticarem toda a sorte de obscenidades. Eis a civilisação, eis a educação completa de nossos filhos.

STRICK LIGHT.

AVISO.

Com este numero finda o 1.^o trimestre da assinatura da *Revista Fluminense*.

Não podendo o proprietario deste jornal continuar á testa de sua redacção, e em virtude de contrato que vem de celebrar com o proprietario do jornal *Revista da Semana*, os Srs. assignantes continuaro, como até agora, a receber semanalmente as suas folhas.

O contrato que vem de celebrar obriga o proprietario da *Revista Fluminense* de toda e qualquer responsabilidade, devendo os Srs. assignantes dirigirem as suas reclamações ao proprietario da referida *Revista da Semana*.

Sendo esta ultima folha de igual formato e numero de paginas, ilustradamente collaborada, nenhum prejuizo resultará aos Srs. assignantes, como é de esperar.